

JORNAL DO BRASIL

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Quatro na linha de partida

eleitoral presidencial

Daqui até o fim do mês ou em dois anos o quadro pode mudar da água que sai da torneira para a pinga que queima a goela. Ou, o que é mais provável, não deve mudar nada. Bem, nada é exagero. Alguma coisa sempre se altera no jogo político quando o governo descamba para o lusco-fusco do cair da tarde que anuncia o negrume da noite fechada. Mas, os riscos grossos, as linhas fundamentais que traçam o esboço estão definidas. E com algumas singularidades que preocupam o presidente Fernando Henrique Cardoso e devem ter influído na sua decisão tática de cruzar os braços e passar ao largo do segundo turno, tão longe que entupiu a agenda de giros pelo exterior, um atrás do outro, retornando do último em cima da hora de votar. Na Alemanha, em surto de loquacidade, anunciou que acompanhará os tucanos em São Paulo, onde vota. E só.

A velha tática escapista de fingir que veste a toga de magistrado para não se enrolar na confusão é das melhores saídas para tais embarços. Se o presidente convenceu-se de que será humanamente impossível articular uma solução que mantenha unido o bloco que o apóia desde o primeiro mandato, preservar sua autoridade é uma demonstração de bom senso. E que agradeceria a rega de algumas gotas de humildade: a impopularidade, amaciada pelos discretos indícios de recuperação, enferruja a liderança para empreitada de tal complicação.

Mas esse é um dos lados que atrapalham a escalada do morro do acordo. O eleitor detonou seu voto como uma arma mortal sobre a frágil e rachada unidade governista, dando a cada um dos três partidos o quinhão de ilusão que os enlouquece. Igualou o PFL, o PSDB e até o PMDB, servindo doses exatas de veneno. O PFL recebeu, como consolo pela terceira votação, vitórias ou a classificação para decidir no segundo turno em capitais e cidades importantes. Não tem do que se queixar o PSDB com o mimo da legenda recordista de votos, raspando nos 16% do total. E o PMDB foi compensado do pífio desempenho nas capitais e

grandes municípios com a eleição do maior número de prefeitos. Ora, nem traçando a régua e compasso e com a ajuda do computador seria possível armar tão sábia e equilibrada partilha. Uma fatia do bolo para cada um dos três gulosos e o puxão de orelha para chamá-los à realidade.

Para mal dos pecados governistas, o Partido dos Trabalhadores invadiu a casa sem pedir licença e ocupou um dos cômodos. Não a sala nem o quarto de visitas. Mas a dependência modesta e confortável para o intruso que pulou o muro e abriu, a cotoveladas, a vaga em que se instalou como o quarto dos grandes partidos.

Basta uma dose de bebida forte para subir às cabeças fracas e tontear-las. A impressão de embriaguez de libações comemorativas deixou as digitais nas declarações das principais lideranças do governo. Na empáfia afetada com que valorizam os resultados que alinharam os três e mais o penetra na linha de partida para a maratona que só termina daqui a dois anos. Todos anunciam que terão candidato próprio e, numa reverência elegante, aceitam adesões com as devidas recompensas. Para dissipar dúvidas, os presidentes do PFL, do PMDB e do PSDB desfilaram na passarela exibindo a lista de presidenciáveis dos respectivos partidos. Fornidas relações de nomes ilustres – ex-presidente, ministros, governadores, parlamentares. Ficou faltando o comprovante da viabilidade eleitoral de cada um, os seus índices de popularidade.

Por alto, sem fazer contas exatas, os indicados beiram a duas dezenas, uma fartura de lavoura em ano de boas chuvas. E é aí que o queixo cai no pasmo, da surpresa, antes de voltar ao lugar, com a boca fechada para não entrar inseto. Pois o que se sabe é que o governo retrai-se e o presidente espairece, entre outras razões porque não descobrem o candidato, um só, primeiro e único, consensualmente condecorado como o reconhecimento da sua popularidade, garantia de manutenção do poder. A isca que atrairia ambições e calafetaria as rachaduras do bloco estilhaçado, com dia marcado para dissolver-se, cada um para o seu lado, de cara amarrada de poucos amigos.

Para as necessidades de eleição presidencial, quem tem 20 pretendentes não tem nenhum. E quem tem um está bem servido. De mais não precisa.

As artes de trapaceas da sorte favorecem a esquerda com a vantagem do modelo do candidato quase perfeito: Luís Inácio Lula da Silva, guru emblemático do Partido dos Trabalhadores, não tem quem lhe faça sombra. Mas depois de quatro derrotas seguidas em três eleições, em 89 em dose dupla, parece exagero atirá-lo ao mar de nova aventura. Fica parecendo que Lula é candidato vitalício, não cede a vez nem não há ninguém na esquerda qualificado a aspirar o lugar ocupado pelo proprietário e morador.